

ESCOLA DE PSICANÁLISE DOS FÓRUMS DO CAMPO LACANIANO
REDE DIAGONAL BRASIL

Rede Diagonal
EPFCL

IX 2025 Colóquio
EPFCL-RDB

Natal . RN
02 a 04
outubro

O ato e a (po)ética em psicanálise

Mais informações
www.epfclrdb.com.br

Modalidades
Presencial ou Online

@epfclrelediagonalbrasil

Local
Auditório da UNI-RN

Tela "Sonho" de Zaira Caldas

Prelúdio VI

Nossa prática do dizer

Dominique Fingermann¹

Voilà qui ajoute une dit-mension à la topologie de notre pratique du dire.²

J. Lacan

A psicanálise - “nossa prática” - tomou seu lugar no mundo ao inaugurar uma *práxis*, a constituindo, e a instituindo de vez, já que, mal ou bem, ela atravessou os séculos. Quando a qualificamos e distinguimos como “*práxis*”, dizemos que ela transformou o mundo ao propor um novo discurso. Esta *práxis*, este discurso, e o laço que eles implicam procedem de uma ética fora da razão universalizante, moralizante, fora da lógica do bem e do senso comum: subversão ética inaugurada pelo ato psicanalítico.

¹ Psicanalista, AME da EPFCL.

² Lacan J *L'Étourdit*, Autres Écrits, Paris, Seuil, 2001 p.486 / Outros Escritos Zahar p. 488 « É isso que acrescenta uma diz-mensão à topologia de nossa prática do dizer ».

No entanto, é a lógica que comanda a ética própria do discurso analítico, como Lacan a precisa no *Resumo do Seminário 1967-1968*: “Na ética que se inaugura pelo ato psicanalítico...a lógica manda, isso é certo, por nela encontrarmos seus paradoxos.”³ O paradoxo do *logos*, da linguagem, é “sua profunda insuficiência lógica”⁴, portanto, considerar, validar e responder a esta incompletude, inconsistência, indecidibilidade da lógica do significante posta em jogo pelo “procedimento freudiano”, depende de um posicionamento ético que leva em conta, de saída, este “mais além”.

O princípio lógico-ético de nossa prática, consiste em sua regra, fundamental e seu correlato: a interpretação, isto é, a hipótese do inconsciente sustentada pela função “de analista”. Este novo laço social produz um efeito inédito nos ditos que essa prática solicita: “Diga, qualquer coisa”. Pois, essa “prática de tagarelice”⁵, que poderíamos suspeitar de futilidade, deixa fluir, fugir, na palavra *essa corriqueira*⁶, o que a causa: uma coisa da qual não se tem ideia escapa das cadeias das palavras e dos pensamentos.

A psicanálise permite apreender aí « *un creux toujours futur* »⁷ um oco sempre futuro que dá sentido ao desejo – indestrutível, dizia Freud; metonímico, dizia Lacan – a seus brilhos, malogros, e outros avatares, e a sua dialética que oscila entre alienação e separação.

A prática da psicanálise sustenta esse sentido do desejo até a produção de seu impasse na própria experiência transferencial, suportada pelo ato do psicanalista. A prática do sentido oriunda desta experiência permite a passagem

³ Lacan J. *O Ato Psicanalítico Resumo do Seminário 1967-1968* Outros Escritos, Zahar, p 376 / *Autres Écrits* p.380.

⁴ Lacan J. *Séminaire XVI D’un Autre à l’autre, Leçon XVII 23 avril 1969* (Publication hors commerce ALI p.226).

⁵ Lacan J. *Séminaire XXV Le moment de conclure Leçon I 15 novembre 1977* (Publication hors commerce ALI p. 9).

⁶ Prado A. *Antes do Nome*, Bagagem v Edição Editora Guanabara p.30.

⁷ Valery P. *Le Cimetière Marin* : O pour moi seul, à moi seul, en moi-même./Auprès d'un coeur, aux sources du poème./ Entre le vide et l'événement pur./ J'attends l'écho de ma grandeur interne./ Amère, sombre, et sonore citerne, / Sonnant dans l'âme un creux toujours futur! **um oco sempre futuro.**

do sentido do desejo ao sentido real: “Pois essa prática não somente tem um sentido, mas faz surgir um tipo de sentido que ilumina os outros sentidos a ponto de questioná-los, quero dizer, de suspendê-los.”⁸

“Não ceder em seu desejo” balizou por um tempo a ética específica da psicanálise até que Lacan demonstre que o que constitui a intensão da psicanálise, ao ponto de garantir sua extensão, é o ato do psicanalista, e a ética que procede da posição do inconsciente como real. O ato possibilita uma ruptura, um corte na função do “sujeito suposto saber”, tempo este necessário para compreender e concluir a verdade como mentirosa em relação ao real. O ato do psicanalista, a ética que o condiciona, teima em destacar da fala de associação livre a “função do dizer”⁹, que é função de ex-sistência, à qual os ditos das demandas amarradas à lógica da fantasia fazem “argumento” tão verdadeiro!

Demonstrar a função ex-sistencial do dizer depende da incidência do ato do psicanalista no *blablabá*. É o que uma análise propõe: que o dizer próprio, singular, fundante, inaudito, ex-sistente, o Dizer do Um sozinho, não seja mais esquecido atrás do *blablabá*, atrás do que se diz (o significante) no que se ouve (o sentido). Uma análise, o ato que o analista sustenta, pode tornar inesquecível o dizer do falasser em questão, a ponto que o seu eco repercute nos muros da linguagem, a ponto de passar o muro da linguagem.

Topar com a solidão desta ex-sistência depende de uma heresia, a da escolha de um enodamento RSI novo a partir do engajamento do dizer próprio a cada um: é uma opção, ética. É assim que a ética do “bem-dizer”¹⁰ pode conduzir um sujeito a tomar a medida daquilo ao qual está sujeitado e consentir à desmedida desse dizer fora de cogitações, que poderia enodar de um jeito outro as diz-menções RSI com as quais se embaralhou no decorrer da sua vida nó-rotica.

⁸ Lacan J. Séminaire XXI Les non dupes errent, Leçon XIII 14 mai 1974 (Publication hors commerce ALI p. 197). Tradução livre de “*Car cette pratique non seulement a un sens, mais fait surgir un type de sens qui éclaire les autres sens au point de les remettre en cause, je veux dire de les suspendre*”

⁹ Lacan J Séminaire XXII RSI, Leçon 15 avril 1975 (Publication hors commerce ALI p. 162).

¹⁰ Lacan J. *Televisão*, Outros Escritos, Zahar, p.524.

Este jeito novo não se pode procurar nas elucubrações da linguagem saturadas pela significação fantasmática; ele se acha na prática do *blablabá*, nos ciscos, respingos e detritos que a língua transporta e com os quais cada um pode, eventualmente, se fazer poema. Autorizar-se, validar a ex-sistência do dizer fazendo uso dos ecos da língua: opção poética. Lembremos como, no “Momento de concluir”, Lacan precisa o sentido desta prática do *blablabá* que pode chegar a fazer-se poema:

“É uma prática. É uma prática que durará o tempo que durar, é uma prática de tagarelice. Nenhuma tagarelice está isenta de riscos. Já a palavra "tagarelice (bavardage)" implica algo. O que isso implica é suficientemente expresso pela palavra "bavardage". O que significa que não são apenas as frases, ou seja, o que chamamos de proposições, que implicam consequências; as palavras também. "bavardage" coloca a fala no nível de babar (baver) ou de espirrar. Ela a reduz ao tipo de respingos que resulta disso. É isso”¹¹.

A extensão da psicanálise conta com a intensão própria de “nossa prática do dizer”: o dizer está posto na jogada pelo analista, sua interpretação, até que o analisante, engajado na “prática do sentido e na prática do *blablabá*, apanhe o seu dizer próprio, a ponto de fazer aí sua aposta, de um uso outro, de outro enodamento, (po)ético.

¹¹ Lacan J Séminaire XXV Le moment de conclure Leçon I 15 novembre 1977 (Publication hors commerce ALI p. 9). Tradução livre de “*C'est une pratique. C'est une pratique qui durera ce qu'elle durera, c'est une pratique de bavardage. Aucun bavardage n'est sans risques. Déjà le mot « bavardage » implique quelque chose. Ce que ça implique est suffisamment dit par le mot « bavardage ». Ce qui veut dire qu'il n'y a pas que les phrases, c'est-à-dire ce qu'on appelle les propositions, qui impliquent des conséquences, les mots aussi. « Bavardage » met la parole au rang de baver ou de postillonner. Elle la réduit à la sorte d'éclaboussement qui en résulte. Voilà*”